

Análise do conto SARAPALHA

De João Guimarães Rosa

6/9/2000

Welis Couto

1. JOÃO GUIMARÃES ROSA

João Guimarães Rosa nos impressiona com sua capacidade fabulosa de criação e da transposição para o plano artístico da linguagem cotidiana. Há uma infusão artística em seu estilo e em sua criação.

A ilusão da dificuldade ao se ler Guimarães Rosa reside no fato dele descrever um mundo quase inédito de fauna, flora, utensílios e expressões da linguagem oral.

Guimarães faz arte com a linguagem: E tem também dois homens sentados, juntinhos, num casco de cocho emborcado, cabisbaixos, - a virgulação e o diminutivo; O passopreto chefe dos passopretos da margem esquerda, - aglutinação; Depois o enrola e desenrola, zonzo, - prefixação.

A criação contínua através de construções elípticas, orações em forma de gerúndio ou participio; anacolutos, aliterações, metáforas, dentre outros.

O autor busca e revitaliza os arcaísmos da nossa língua, próprios do sertanejo, onde o tempo passa mais lentamente e as modificações na linguagem acompanham esse tempo.

João Guimarães Rosa descobre a linguagem pelo mito da recriação da fala popular. Universaliza-a, portanto, com a frase metamorfoseada em rica poesia.

2. SARAPALHA

2.1. Tempo: O conto transcorre em um dia, entre o amanhecer e o entardecer. Entretanto, por ser a narrativa, na sua quase totalidade, em *flash-back*, o tempo de que se ocupa a memória das personagens é muito maior.

2.2. Espaço: Arraial de Sarapalha, às margens do Rio Pará, Minas Gerais.

2.3. Ação: O conto é narrado na terceira pessoa. Narrador onisciente, sendo constante o uso do discurso indireto livre. A narrativa no presente descreve o abandono da localidade, até centrar-se nas personagens de Ribeiro e Argemiro, quando predomina, então, o *flash-back*.

2.4. Temas: - A maleita como causa do abandono e fuga da realidade.

- O segredo de Argemiro é mais forte do que a maleita, capaz de mantê-los vivos e unidos até a confissão final.

2.5. Personagens: Luísa, Ribeiro, Argemiro e o boiadeiro

2.6. Enredo

2.6.1 Descrição: A maleita invade o arraial de Sarapalha dizimando toda a população da pequena localidade do interior de Minas, às margens do Rio Pará. Atacados pela doença, Argemiro e Ribeiro passam os sonolentos dias à espera da morte ou da cura. Enquanto os dias passam, os dois amigos vivem da lembrança de dias passados.

Ribeiro e Luísa, recém casados, foram morar no arraial do Sarapalha. Pouco tempo depois recebem a companhia de Argemiro, primo de Ribeiro, passando, os três, a morar sob o mesmo teto. Argemiro apaixona-se secretamente por Luísa, porém, em respeito ao primo, contém a sua paixão.

Tempos depois, Luísa foge com um boiadeiro que passara pela região, deixando os primos à mercê da malária.

Argemiro mantém em segredo a sua paixão por aquela que fora a esposa de seu primo, até que, vendo a morte avizinhar-se, não se contém e revela ao primo o desejo de sua alma, que tanto o atormentara vida afora. A confissão acaba com a profunda amizade que existia entre eles. Separam-se, enfim. Cada um com seu desolamento e sua seza, esperando pelo dia final.

2.6.2 Análise: depois da descrição do abandono e da "taperização" do povoado provocada pela malária, bem como da triste imagem de uma fazenda em ruínas onde habitam dois velhos, que não são velhos, o narrador descreve poeticamente a ação das mutucas, muriçocas e mossorongos, os transmissores da malária. Nota-se o grande uso de aliterações, bem como a presença de rimas.

“De-tardinha, quando as mutucas convidam as muriçocas de volta para casa, e quando o carapanã rajado mais o mossorongu cinzento se recolhem, que ele aparece, o pernilongo pampa, de pés de prata e asas de xadrez. Entra pelas janelas, vindo dos cacos, das frinchas, das taiobeiras, das bananeiras, de todas as águas, de qualquer lugar.

(...)

Vem soturno e sombrio. Enquanto as fêmeas sugam, todos os machos montam guarda, psalmodiando tremido, numa nota única, em tom de dó, E, uma a uma, aquelas já fartas de sangue abrem recitativo, esvoaçantes, uma oitava mais baixo, em meiga voz de descante, na orgia crepuscular.”

Guimarães Rosa tem pleno domínio da narrativa, da mesma forma que conhece metodicamente a linguagem e o significado dos gestos e trejeitos de suas personagens, pois, acrescenta-se que muitas delas foram tiradas da vida real.

“E quando Primo Ribeiro bate com as mãos nos bolsos, é porque vai tomar uma pitada de pó. E quando Primo Argemiro estende a mão é pedindo o cornimboque. E quando qualquer dos dois apoia a mão no cocho é porque está sentindo falta-de-ar.”

A sequência seguinte de sentenças dá-nos a noção exata do código lexical das personagens:

“- Será Que chove, Primo?

- Capaz.

- Ind’hoje? Será?

- 'Manhã

- Chuva brava, de panca?

- Às vez...

- Da banda de riba?

- De trás.”

Na descrição da natureza a seguir, há uma oposição entre esta e os dois velhos amaleitados, cujos dias transcorrem sempre iguais esperando a hora da morte; e os pássaros-pretos que aguardam o momento exato para atacarem as roças. Observe, também, a onomatopéia na fala/canto do pássaro.

O autor utiliza, ainda, de um prefixo indicador de ideia antagônica em "contrapiam", porém aí empregado no sentido de reforço, réplica.

“O passopreto, chefe dos passopretos da margem esquerda, pincha num galho de cedro e convoca os outros passopretos, que fazem luto alegre no vassoural

rasteiro e compõem um kraal nos ramos da capoeira-branca. Vão assaltar a rocinha; mas, antes, piam e contrapiam, ameaçando um hipotético semeador:

- finca, fin-ca, qu'eu 'ranco! qu'eu 'ranco!..."

Na formação de superlativo, o autor utiliza da repetição de palavras, bem como do acréscimo do sufixo "inho", que, embora desinência de diminutivo, aqui se transforma em superlativo.

“Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era sezão da brava.”

A colocação da negativa no final, própria da linguagem falada, bem como a colocação do pronome antes do verbo reforçando a forma usual como se fala no Brasil é comumente utilizada por Guimarães Rosa.

“- Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

- Não, nada. Primo Ribeiro... Deixa disso!

- Não, mesmo não...”

O discurso indireto livre passeia por essas páginas de João Guimarães Rosa:

“- Falou, não, Primo... D'aqui a pouco é a minha vez... Não dilata p'ra chegar...

Sim, d'aqui a pouco vai ser a sua hora. Aqui a febre serve de relógio. Ele já está ficando mais amolecido. Também deve ser de ter pensado muito. Antes o outro não tivesse querido falar em nome guardado... Foi dar outra força... saudade... E ele, que nem tem com quem desabafar, não tem a quem contar o seu sofrimento!... Lá, onde está o cruzeiro, morreu um trabalhador de roça, um velho. Foi de repente, do coração... Será que a gente ainda tem de viver muito?...”

É frequente a omissão de elementos na descrição de Guimarães Rosa, tais como conjunções, condicionais, artigos, preposições, etc.

“- Lhe pedir uma coisa... Você faz?”

“... se rato não roeu...”

A adjetivação é outro forte recurso usado pelo autor na composição da narrativa.

“É aqui, perto do vau da Sarapalha: tem uma fazenda, denegrada e desmantelada; uma cerca de pedra-seca, do tempo de escravos; um rego murcho, um moinho parado, um cedro alto, na frente da casa;”

Podemos vislumbrar no texto, ainda, a crença religiosa impregnada de ignorância do homem do sertão. No texto abaixo, note-se que "desdeixado" - palavra formada por derivação prefixal - não está aí empregada no seu sentido usual, cujo prefixo "des" tem sentido contrário ao radical, entretanto, na citação ele tem ação intensificadora do abandono.

“- Pois então, olha: quando for a minha hora, você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mas é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes...”

(...)

“Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...”

O mito na obra de Guimarães Rosa aparece como uma compensação da fraqueza da personagem, incapaz de reagir... situação adversa da perda. Certas coisas ou suas feições desconhecidas despertam em nós intenções ignoradas sobre as quais nos ficamos interrogando. O Primo Ribeiro não aceita que um boiadeiro tenha levado a sua mulher, portanto ele o substitui pelo capeta, com quem ele não poderia confrontar-se.

“-Então a moça, que não sabia que o moço-bonito era o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio.”

2.7. A Mulher e a Maleita: breve comparação

Em Sarapalha, a mulher e a maleita caminham lado a lado e suas significações se entrelaçam na vida dos habitantes do povoado. Mesmo que em situações distintas, ambas causam sofrimento, matam devagar e fazem do homem o seu hospedeiro.

Assim como a malária vai chegando de mansinho, a tudo invadindo; a mulher, com sua presença costumeira, invade o coração dos homens.

A Maleita:

Ela veio de longe, do São Francisco. Um dia, tomou caminho, entrou na boca aberta do Pará, e pegou a subir. Cada ano avançava um punhado de léguas, mais perto, mais perto, pertinho, fazendo medo no povo, porque era Sezão da brava.

A mulher:

... Mas quando a viu, acompanhando o terço, já gostava dela, já lhe tinha amor... Desde de manhã.. na porta de casa, saindo para a missa, ela com a mãe e as irmãs..

A presença da maleita e da mulher tem o mesmo efeito devastador e febril no corpo humano. Fonte de delírios e prazer.

“- A moça que eu estou vendo agora , uma só, Primo... Olha!... É bonita, muito bonita é a Sezão. Mas não quero... Bem que o doutor, quando pegou a febre e estava variando, disse... você lembra?... disse que a maleita era uma mulher de muita lindeza, que morava de-noite nesses brejos, e na hora da gente tremer era quem vinha... e ninguém não via que era ela quem estava mesmo beijando a gente...”

Contudo, a ausência de uma traz a liberdade; a falta da outra, o desolamento.

A maleita:

“- Olha, primo, se a gente um dia puder sarar, eu ainda hei de plantar uma roça, no lançante que trepa para o espigão. Deve de ser bom a gente capinar lá em riba, de manhã cedinho.”

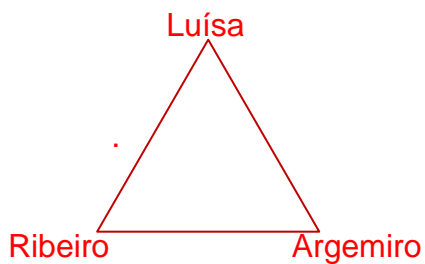
A mulher:

“- É... Se ela chegasse, até a febre sumia...”

3. ESQUEMA GRÁFICO DO ENVOLVIMENTO DAS PERSONAGENS

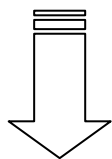
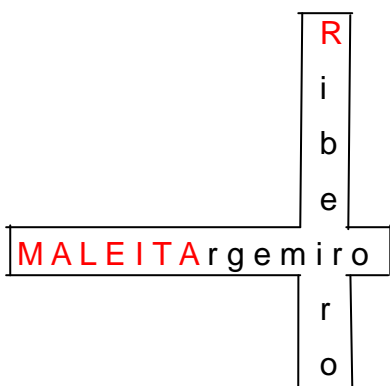
Luísa X Ribeiro

2 meses depois
de casados...



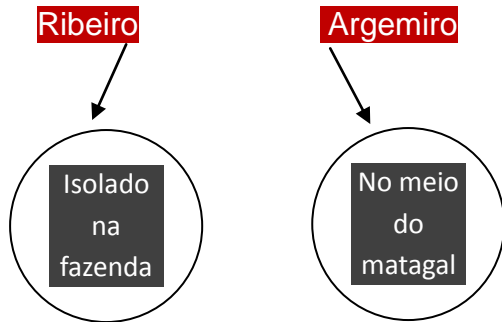
3 anos mais
tarde

Luísa e o boiadeiro



RibeirArgemiro

Confissão



4. CONCLUSÃO

Guimarães Rosa escreve em estado de poesia, sem a forma do verso, mas rítmica. A frase esconde em si o verso e a prosa, metamorfoseada.

O estilo de João é o elemento mínimo da poesia, o signo feito imagem, anterior à língua e ao mesmo tempo a sucede apenas com seu rumor.

Para Valery, "todo mundo é capaz da poesia, no sentido vago, possui a capacitação para sentir certas emoções exteriores ou interiores ao ser humano, porém poucos são os habilitados à representação poética dessas emoções".

João Guimarães Rosa possui essa capacidade de produzir um estado extraordinário e determinados efeitos expressivos de linguagem que jamais seriam produzidos em estados ordinários. Uma efusão rítmica.

5. BIBLIOGRAFIA

ROSA, João Guimarães. *Sarapalha in Sagarana*. 31ª edição. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1984.